

Sérgio Fernando Soboll Reganati

TRANSFORMAÇÃO ESTRUTURAL DO MERCADO DE
TRABALHO SETORIAL BRASILEIRO

São Paulo
2012

Sérgio Fernando Soboll Reganati

**Transformação estrutural do mercado de trabalho
setorial brasileiro**

Projeto de monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel do Insper.

Orientador:

Prof. Dr. Naercio Aquino Menezes Filho –
Insper

São Paulo

2012

REGANATI, Sérgio Fernando Soboll Reganati
Transformação estrutural do mercado de trabalho
setorial brasileiro/ Sérgio Fernando Soboll Reganati. – São
Paulo: Insper, 2012.
30 f.

Monografia: Faculdade de Economia e Administração.
Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Orientador: Prof. Dr. Naercio Aquino Menezes Filho

1. Mercado de trabalho brasileiro 2. Equidade 3. Desigualdade
social 4. Mercado de trabalho setorial 5. Demanda de
produtos agrícolas.

Sérgio Fernando Soboll Reganati

**Transformação estrutural do mercado de trabalho
setorial brasileiro**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel do Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

EXAMINADORES

Prof. Dr. Naercio Aquino Menezes Filho
Orientador

Prof. Dr. Marcelo Santos
Examinador

Prof. Dra. Regina Carla Madalozzo
Examinadora

Dedicatória

A minha querida família.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer todos que me apoiaram nesse projeto. Especialmente, meus pais e minhas irmãs que sempre estiveram a me motivar.

Ao meu orientador que me inspirou e prestou importantes orientações para o projeto.

Também gostaria de expressar meu reconhecimento da importância de todos os professores do INSPER que participaram de minha formação.

Resumo

REGANATI, Sérgio Fernando Soboll Reganati. Transformação estrutural do mercado de trabalho setorial brasileiro. São Paulo, 2012. 30p. Monografia – Faculdade de Economia e Administração. Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Esse estudo tem como objetivo, avaliar mudanças no mercado de trabalho brasileiro que tenham contribuído para a diminuição da desigualdade social, no período de 2002 a 2009.

No estudo de mudanças estruturais no mercado de trabalho, foram analisados diversos setores. Nessa obra, consideramos indivíduos qualificados e não-qualificados quanto a escolaridade.

O setor agrícola apresentou aumento absoluto no emprego de trabalhadores não-qualificados. Para compreender o que motivou esse maior emprego, realizamos uma decomposição e verificamos que o motivo foi o aumento de escala do setor agrícola brasileiro. Os demais setores reduziram o emprego de trabalhadores não-qualificados.

Analisamos os motivos que levaram ao aumento do volume no setor agrícola. Foi verificado que as origens desse emprego não se encontram no mercado doméstico, mas sim no mercado internacional através de exportações.

Palavras-chave: Mercado de trabalho brasileiro, Equidade, Desigualdade social, Mercado de trabalho setorial, Demanda de produtos agrícolas.

Abstract

REGANATI, Sérgio Fernando Soboll Reganati. Structural transformation of the market of Brazilian sectorial work. São Paulo, 2012. 30p. Monograph – Faculdade de Economia e Administração. Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

This study it has as objective, to evaluate changes in the market of Brazilian work that have contributed to the diminution of the social inequality, in the period of 2002 to 2009.

In the study of structural changes in the work market, diverse sectors were analyzed. In this work, we consider qualified and not-qualified individuals how much the education.

The agricultural sector presented absolute increase in the employment of not-qualified workers. To understand what motivated this bigger employment, we accomplish a decomposition and we verify that the reason was the increase of scale of the Brazilian agricultural sector. The too much sectors had reduced the employment of not-qualified workers.

We analyzed the reasons that had led in such a way to the increase of the volume in this sector. It was verified that the origins of this employment do not meet in the domestic market, but yes in the international market through exports.

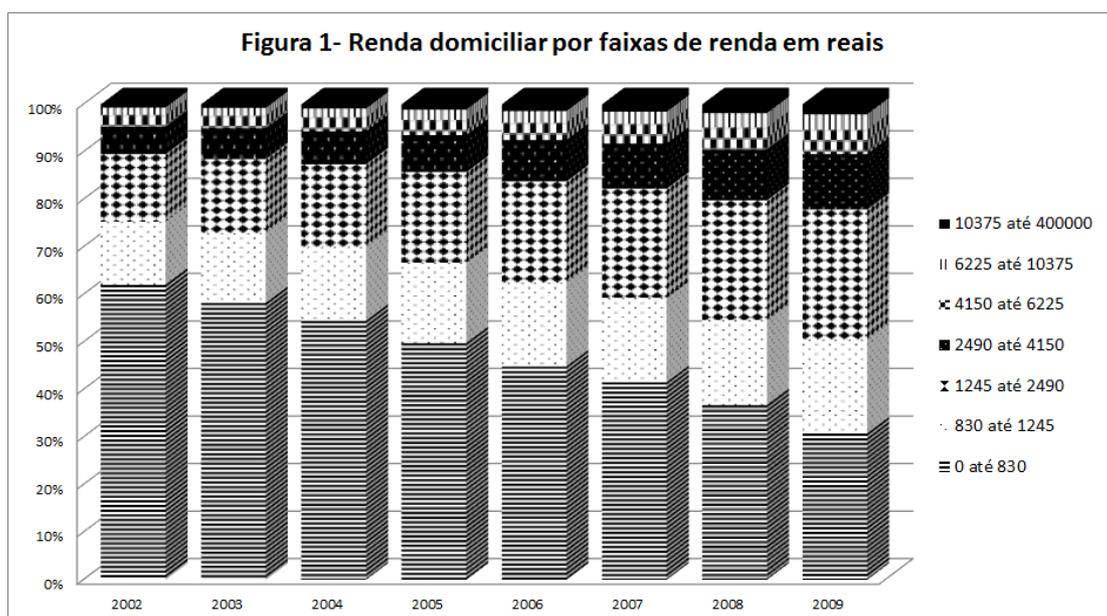
Keywords: Market of Brazilian work, Equity, Social inequality, Market of sectorial work, Demand of agricultural products.

Sumário

1.Introdução	10
2.Revisão da Literatura	12
3.Metodologia e Base de Dados.	14
4.Resultados	16
4.1 Análise Descritiva do Emprego e do Salário	16
4.2 Decomposição entre efeito substituição e efeito escala	22
4.3 Análise do consumo interno.	24
4.4 Análise do consumo externo	25
5.Conclusão	28
6.Referências	29

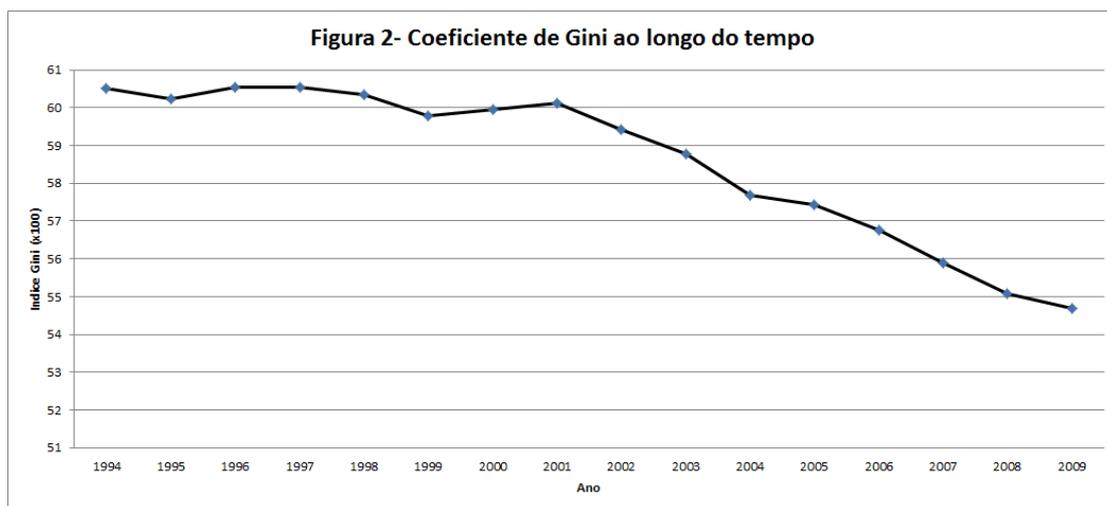
1. Introdução

A mudança na desigualdade social ocorrida no Brasil a partir da década de 2000 despertou o interesse da sociedade brasileira sobre esse tema. Essa mudança contempla o aumento de renda das classes mais pobres, com a consequente diminuição da desigualdade social. A figura 1 ilustra o enriquecimento da população como um todo, bem como a ascensão da parcela com menor renda.



Dados: Pnad 2001, Pnad 2002, Pnad 2003, Pnad 2004, Pnad 2005, Pnad 2006, Pnad 2007 e Pnad 2008. IBGE

Após o período hiperinflacionário do final da década de 80 e começo de 90, as atenções do governo se voltaram para o combate à desigualdade e a pobreza. No início da década, o Brasil tinha um dos piores índices Gini de desigualdade do mundo, 0,601. Já em 2009 logrou uma significativa melhora, com o índice passando para 0,546. Houve melhora significativa principalmente a partir de 2001, como podemos ver na figura 2.



Fonte: <http://databank.worldbank.org/>

A melhora na equidade social ocorrida tem sido interpretada como sendo, em parte, decorrente de programas sociais implantados pelo governo, como demonstram Soares, Ribas e Ozório (2007) . Menezes-Filho e Oliveira (2011) relacionam o aumento da renda per capita com a melhora na educação, entre 2001 e 2009, encontrando relação positiva entre ambos.

O objetivo deste trabalho é estudar, no período de 2002 a 2009, como a mudança setorial do mercado de trabalho pode ter contribuído para o enriquecimento das classes mais pobres e por consequência a melhor equidade social. O foco de estudo é o setor agrícola que demanda principalmente mão-de-obra não-qualificada.

2. Revisão da Literatura

Os primeiros trabalhos com o intuito de entender a desigualdade no Brasil, foram feitos a partir da segunda metade do século XX. É provável que o primeiro estudo a abordar educação e desigualdade tenha sido Langoni (1970). Nesse estudo o autor compara a taxa de retorno de investimentos em capital humano às taxas obtidas por investimentos em capital físico no período da década de 60. O objetivo do autor era de analisar os impactos de longo prazo na alocação de investimentos.

Paes de Barros, Nathan Foguel e Ulyssea (2007) analisam os fatores determinantes da redução da desigualdade. Nesse estudo os fatores preponderantes que explicam esse efeito são as políticas de transferência de renda e o mercado de trabalho. O primeiro fator responde por aproximadamente por 1/3 da redução da desigualdade e o segundo por cerca de metade.

As transferências de renda são resultado direto de programas sociais, como “bolsa família” e “Peti”. As mudanças no mercado de trabalho apontadas como mais importantes são a queda da desigualdade educacional bem como a redução das diferenças de remuneração entre diferentes níveis de escolaridade.

Recentemente, Oliveira e Menezes Filho (2011) analisam a queda da desigualdade de renda de 1992 a 2009. O período de 2001 a 2009 foi o mais representativo, onde a renda dos 10% mais pobres aumentou 118%. 60% desse enriquecimento é atribuído ao mercado de trabalho enquanto os outros 58% são gerados por outras fontes. O fator preponderante apontado nesse estudo foi a educação que teve um crescimento, no período de 92 a 2009, de 75% para os 10% mais pobres enquanto apenas 25% de crescimento para os 10% mais ricos. Oliveira e Menezes Filho apontam que 40% da melhora do índice Gini são atribuídos à educação.

Pesquisas realizadas por Veras Soares, Perez Ribas e Guerreiro Ozório (2007), sobre as políticas e planos governamentais de transferência de renda evidenciam que, apesar de a transferência monetária ser relativamente baixa em relação aos rendimentos das famílias, seu efeito é

grande. O estudo sobre o programa “Bolsa Família”, demonstra que, mesmo o programa promovendo um incremento na renda mensal das famílias de cerca de 0,5%, ele foi responsável por uma melhora de 21% do índice Gini de 1995 a 2004.

Poucos trabalhos foram feitos sobre como as mudanças no mercado de trabalho influenciam a disparidade de renda. Cardoso Junior (1999) examina como a estrutura ocupacional setorial afetou o perfil distributivo no Brasil na década de 90, mostrando que o perfil da distribuição pessoal de renda se relaciona ao tipo de inserção setorial e ocupacional da força de trabalho, dado que as especificidades de cada setor influenciam a trajetória de remuneração de cada setor. Nesse período o autor identifica diminuição da renda no setor de serviços e, em contrapartida, um aumento de rendimentos no setor de construção civil e indústria.

3. Metodologia e base de dados

Inicialmente, iremos fazer uma análise descritiva sobre o emprego e salário em cada setor, levando em conta os trabalhadores qualificados e não-qualificados. Nesse estudo, consideramos trabalhadores não-qualificados, indivíduos empregados com 8 anos ou menos de estudo. Trabalhadores com mais anos de estudo são considerados qualificados.

A partir dessa análise, verificamos que mudanças ocorreram em cada setor, através de uma análise de decomposição. Verificadas as variações, procuramos explicações no mercado consumidor.

O mercado consumidor foi dividido em duas partes: consumo interno e consumo internacional dos bens produzidos no Brasil. Para entendermos o mercado interno, observamos a evolução da parcela orçamentária domiciliar direcionada para cada classe de despesas. No mercado internacional, é analisado o valor em dólares de nossas exportações para cada classe de produtos.

Para uma análise mais apurada do que ocorreu no emprego dos trabalhadores com 8 anos ou menos de estudo nos setores, faremos uma decomposição entre dois pontos no tempo, 2002 e 2009, seguindo Berman et alii, (1994):

$$\Delta s = \underbrace{\sum_i \bar{e}_i * \Delta s_i}_{\text{Efeito substituição}} + \underbrace{\sum_i \bar{s}_i * \Delta e_i}_{\text{Efeito escala}} \quad (1)$$

Em que:

s_i é a parcela do emprego do setor i composta por trabalhadores não-qualificados;

s é a parcela do emprego total dos setores composta por trabalhadores não-qualificados

e_i é a parcela do emprego total dos setores alocada no setor i

Δ é o operador diferença entre dois pontos no tempo.

A barra acima das variáveis denota a média temporal destas no período de estudo.

De acordo com a equação (1), a variação no emprego dos não-qualificados pode ser decomposta em dois termos:

- Efeito substituição, ou seja para uma mesma alocação de fatores entre os setores, uma variação no emprego dos não-qualificados, dada, por exemplo, de algum fator ter ficado relativamente mais barato ou mais produtivo;
- Efeito escala, ou seja, para um dado uso relativo dos fatores de produção, o aumento ou diminuição dos setores.

A decomposição foi feita para todos os setores em estudo. Os resultados se encontram na tabela 2.

Nesse estudo diversas bases de dados serão utilizadas. Para avaliarmos o emprego setorial e os salários, utilizamos as PNADs de 2002 até 2009. Os dados foram extraídos do IBGE na forma de micro dados. A variável utilizada para definir a qualificação do trabalhador foi a “V4803” que define quantos anos de estudo cada indivíduo teve. Indivíduos com 8 anos ou menos de estudo são considerados não-qualificados nesse trabalho, isso equivale a pessoas com nível educacional igual ou inferior ao ensino fundamental completo.

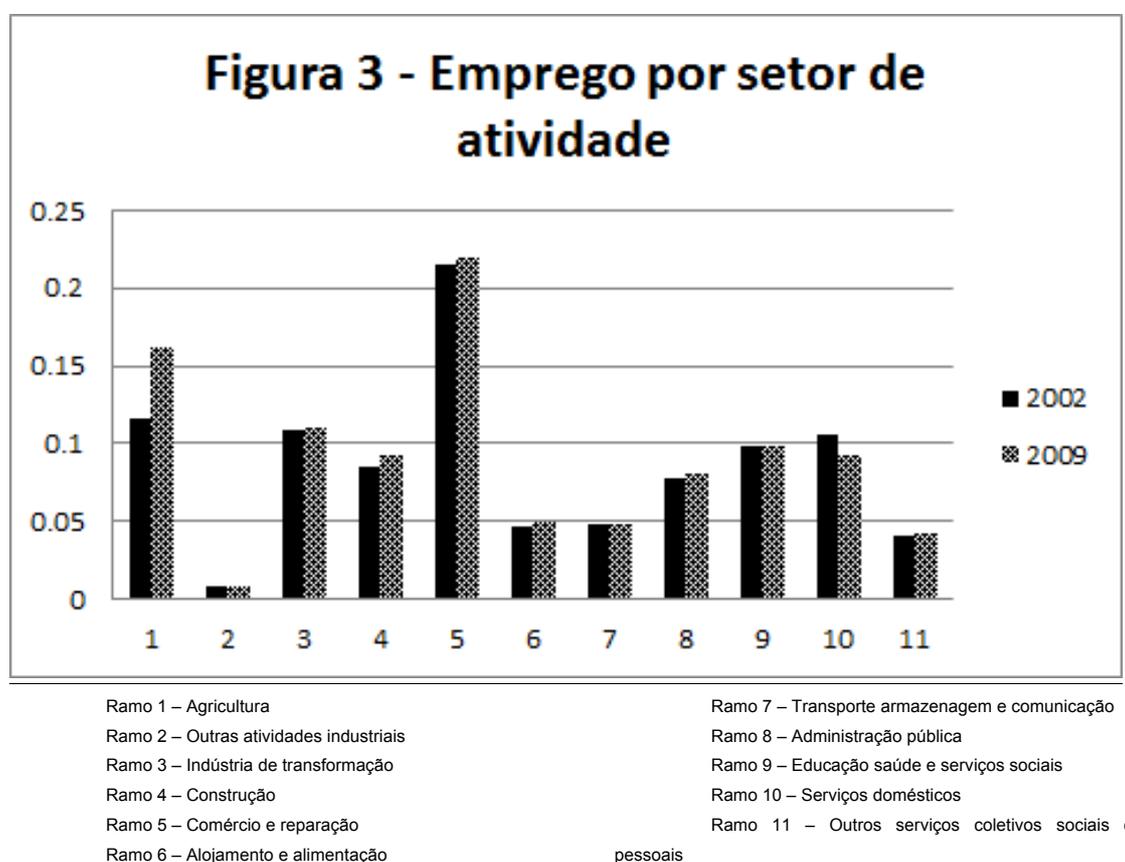
Na avaliação do mercado interno brasileiro, utilizamos a POF 2002-2003 e 2008-2009. Os dados foram obtidos através de tabelas disponibilizadas pelo IBGE.

Para as exportações brasileiras, os dados foram extraídos do site governamental <http://www.desenvolvimento.gov.br>. Utilizamos as classificações de produtos CUCI para determinarmos que setor é responsável pela produção dos bens exportados.

4. Resultados

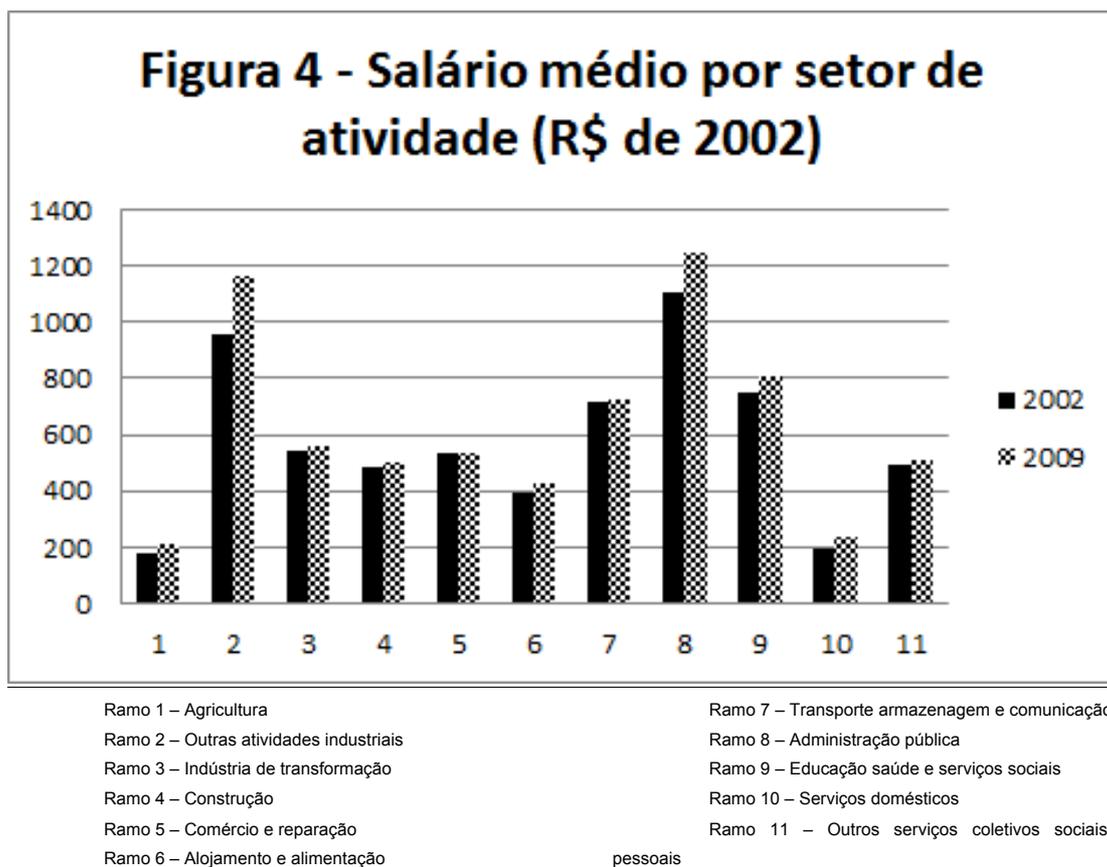
4.1 Análise descritiva do emprego e salário

Na figura 3, podemos observar a distribuição de trabalhadores por setor. Verificamos que a maior variação no emprego de 2002 a 2009 ocorreu no setor de agricultura. Nos demais setores, a variação foi menor, próxima a zero.



Dados: Pnad 2002, Pnad 2009. IBGE

A figura 4 ilustra a variação no salário médio por setor. Podemos observar incremento de renda em: agricultura, outras atividades industriais e na administração pública.



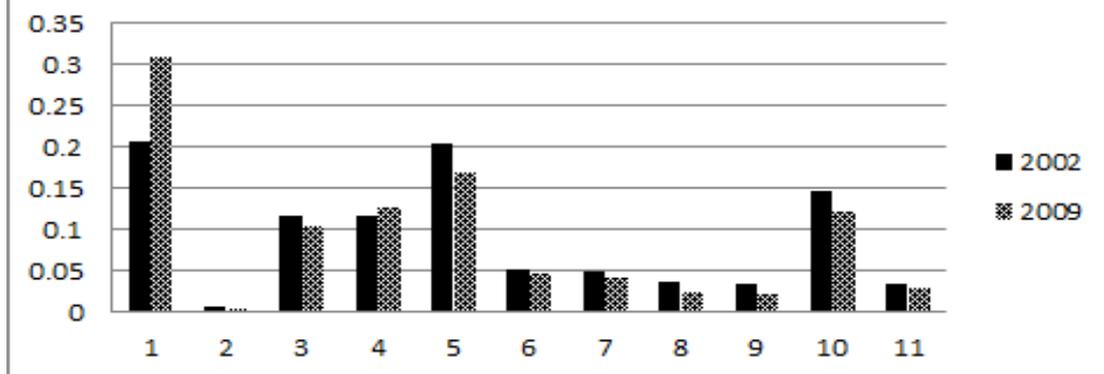
Dados: Pnad 2002, Pnad 2009. IBGE, Deflacionados pelo IPCA.

Na figura 5 podemos observar a distribuição da mão-de-obra não-qualificada entre os setores. É possível observar uma migração dos não-qualificados para o setor de agricultura em detrimento dos demais setores. Também podemos visualizar aumento da renda na agricultura dos não-qualificados na figura 6.

Houve expressivo aumento da renda dos não qualificados em outras atividades industriais, tal como podemos observar na figura 6, porém, o emprego de trabalhadores com nível educacional igual ou menor ao ensino fundamental completo nesse setor é próximo de zero. Deste modo não pode ter influenciado significativamente a melhora na distribuição de renda.

A análise de distribuição do emprego dos não-qualificados, juntamente com a análise de renda dos mesmos, nos sugere que, o setor agrícola exerceu maior influência na melhora da equidade social.

Figura 5 - Emprego por setor de atividade para indivíduos com 8 anos de estudo ou menos



Ramo 1 – Agricultura

Ramo 2 – Outras atividades industriais

Ramo 3 – Indústria de transformação

Ramo 4 – Construção

Ramo 5 – Comércio e reparação

Ramo 6 – Alojamento e alimentação

Ramo 7 – Transporte armazenagem e comunicação

Ramo 8 – Administração pública

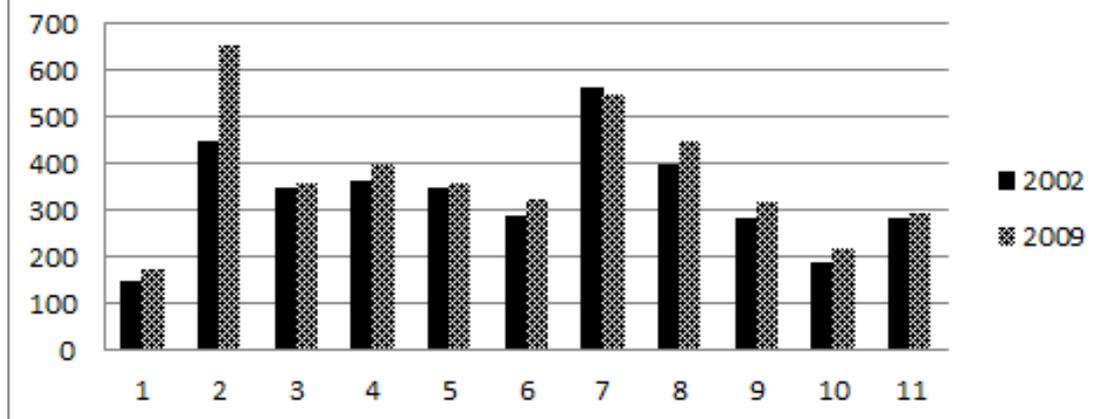
Ramo 9 – Educação saúde e serviços sociais

Ramo 10 – Serviços domésticos

Ramo 11 – Outros serviços coletivos sociais e pessoais

Dados: Pnad 2002, Pnad 2009. IBGE

Figura 6 - Salário médio por setor de atividade para indivíduos com 8 anos ou menos de estudo (R\$ de 2002)



Ramo 1 – Agricultura

Ramo 2 – Outras atividades industriais

Ramo 3 – Indústria de transformação

Ramo 4 – Construção

Ramo 5 – Comércio e reparação

Ramo 6 – Alojamento e alimentação

Ramo 7 – Transporte armazenagem e comunicação

Ramo 8 – Administração pública

Ramo 9 – Educação saúde e serviços sociais

Ramo 10 – Serviços domésticos

Ramo 11 – Outros serviços coletivos sociais e pessoais

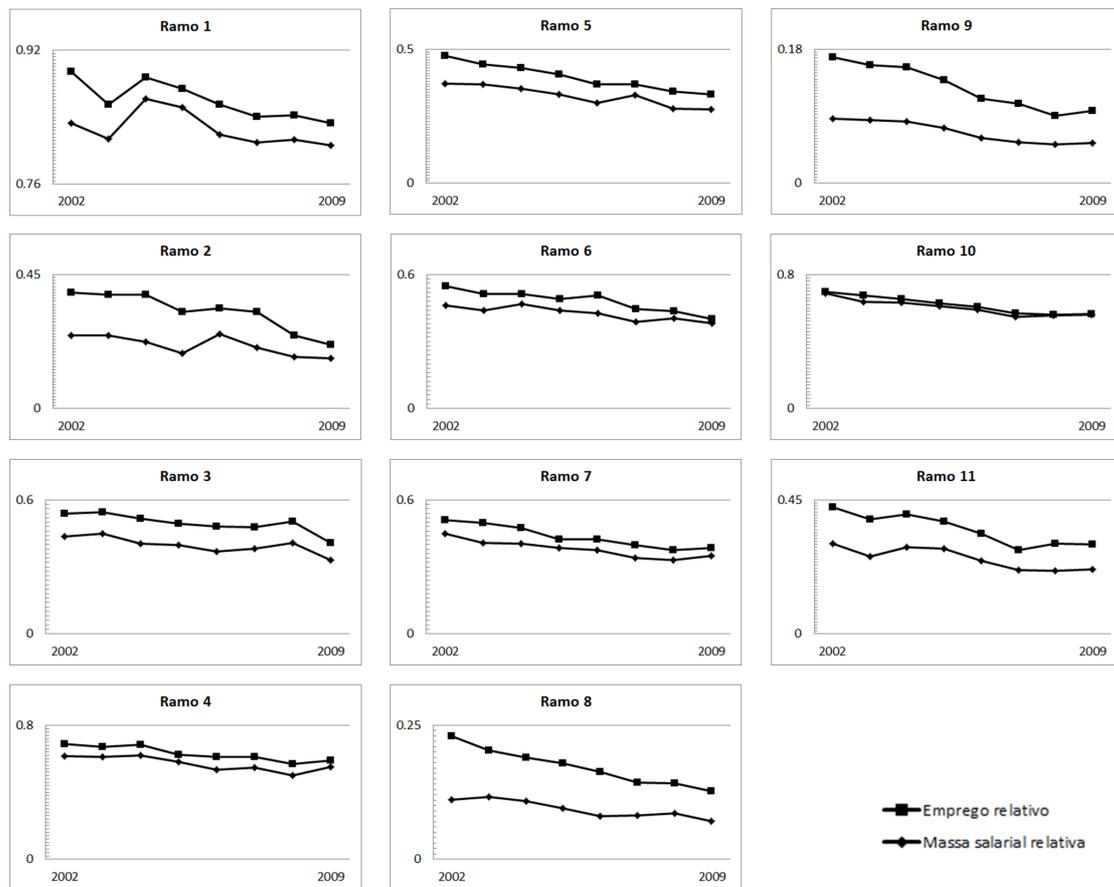
Dados: Pnad 2002, Pnad 2009. IBGE, Deflacionados pelo IPCA.

Houve em todos os setores uma diminuição relativa do emprego de trabalhadores não-qualificados, como podemos observar na figura 7. Porém esse movimento pode ser entendido como um aumento geral no nível educacional dos trabalhadores brasileiros (Menezes-Filho e Rodrigues, 2003). Porém também podemos notar na figura 7 que a massa salarial relativa não variou na mesma proporção que o emprego. Esse resultado nos sugere aumento da remuneração de trabalhadores com 8 anos ou menos de estudo.

Podemos observar na figura 8 mais claramente o que ocorreu nos salários relativos entre os setores. Fica claro que houve aumento substancial na renda relativa dos trabalhadores não-qualificados com relação aos trabalhadores qualificados.

Na tabela 1 podemos analisar a variação em todo o período de estudo dos salários relativos. Concluímos que nos setores intensivos no fator de produção de mão-de-obra desqualificada a variação foi maior.

Figura 7 – Parcela do número de trabalhadores e da massa salarial alocados a qualificação por ramo de atividade



Ramo 1 – Agricultura

Ramo 2 – Outras atividades industriais

Ramo 3 – Indústria de transformação

Ramo 4 – Construção

Ramo 5 – Comércio e reparação

Ramo 6 – Alojamento e alimentação

Ramo 7 – Transporte armazenagem e comunicação

Ramo 8 – Administração pública

Ramo 9 – Educação saúde e serviços sociais

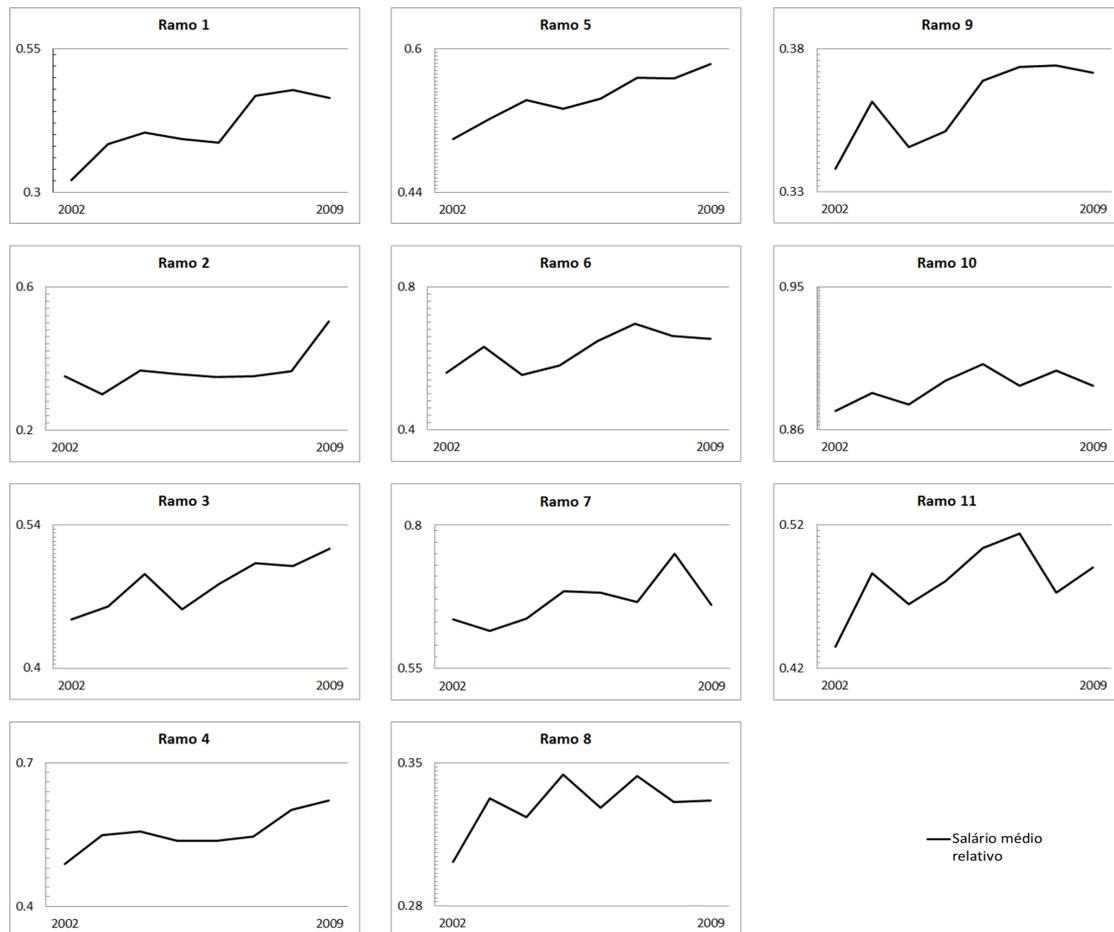
Ramo 10 – Serviços domésticos

Ramo 11 – Outros serviços coletivos sociais e

personais

Fonte: Pnads- IBGE

Figura 8 - Salário médio relativo dos não-qualificados/qualificados



Ramo 1 – Agricultura

Ramo 2 – Outras atividades industriais

Ramo 3 – Indústria de transformação

Ramo 4 – Construção

Ramo 5 – Comércio e reparação

Ramo 6 – Alojamento e alimentação

Ramo 7 – Transporte armazenagem e comunicação

Ramo 8 – Administração pública

Ramo 9 – Educação saúde e serviços sociais

Ramo 10 – Serviços domésticos

Ramo 11 – Outros serviços coletivos sociais e pessoais

Fonte: Pnads. IBGE

Tabela 1:

Variação do salário médio relativo (2002 a 2009)
(Não-qualificados / qualificados)

Agrícola	0.1432
Outras atividades industriais	0.1521
Indústria da transformação	0.0694
Construção	0.1339
Comércio e reparação	0.0836
Alojamento e alimentação	0.0954
Transporte armazenagem e comunicação	0.0250
Administração pública	0.0298
Educação saúde e serviços sociais	0.0336
Serviços domésticos	0.0160
Outros serviços coletivos sociais e pessoais	0.0552

Fonte: Pnads. IBGE

4.2 Decomposição entre efeito substituição e efeito escala – emprego relativo (em pontos percentuais)

Como vimos na seção metodológica, para uma análise mais apurada do que ocorreu no emprego dos trabalhadores com 8 anos ou menos de estudo nos setores, foi feita a decomposição entre dois pontos no tempo, 2002 e 2009. (Berman et ali, 1994):

$$\Delta s = \underbrace{\sum_i \bar{e}_i * \Delta s_i}_{\text{Efeito substituição}} + \underbrace{\sum_i \bar{s}_i * \Delta e_i}_{\text{Efeito escala}} \quad (1)$$

Em que:

s_i é a parcela do emprego do setor i composta por trabalhadores não-qualificados;

s é a parcela do emprego total dos setores composta por trabalhadores não-qualificados

e_i é a parcela do emprego total dos setores alocada no setor i

Δ é o operador diferença entre dois pontos no tempo.

A barra acima das variáveis denota a média temporal destas no período de estudo.

A decomposição foi feita para todos os setores em estudo. Os resultados se encontram na tabela 2.

Tabela 2: Decomposição entre efeito escala e efeito substituição

Ramo	Variação total	Efeito Substituição	Efeito escala
Agricultura	0.0253	-0.0087	0.0341
Outras atividades industriais	-0.0019	-0.0015	-0.0005
Indústria de transformação	-0.0167	-0.0149	-0.0017
Construção	-0.0073	-0.0088	0.0016
Comércio e reparação	-0.0344	-0.0319	-0.0025
Alojamento e alimentação	-0.0070	-0.0072	0.0002
Transportes, armazenagem e comunicação	-0.0071	-0.0061	-0.0010
Administração pública	-0.0086	-0.0083	-0.0003
Educação saúde e serviços sociais	-0.0081	-0.0073	-0.0008
Serviços domésticos	-0.0256	-0.0136	-0.0120
Outros serviços coletivos sociais e pessoais	-0.0061	-0.0053	-0.0007
Total	-0.0974	-0.1137	0.0163

Podemos observar que o efeito substituição em todos os setores é negativo. Isso significa que houve substituição de trabalhadores não-qualificados por trabalhadores qualificados em toda economia. No total, houve uma diminuição de 9,74% do emprego de trabalhadores com 8 anos ou menos de estudo. Essa redução do emprego de não-qualificados se deve ao efeito substituição que foi responsável pela queda 11,37% e do efeito escala que representa um aumento de 1,63% do emprego. Esse movimento é

esperado, pois houve aumento do nível educacional da oferta de mão-de-obra brasileira nesse período, já evidenciado por Oliveira e Menezes Filho (2011).

O único setor que apresentou aumento do emprego de não-qualificados foi o agrícola. De 2002 a 2009, houve um aumento de 2,53% do emprego de trabalhadores com 8 anos ou menos de estudo. Apesar da variação total ser positiva, nesse setor também houve substituição de trabalhadores não-qualificados por trabalhadores qualificados. Porém, o efeito escala superou expressivamente o efeito substituição, alterando a distribuição de trabalhadores entre os setores. O crescimento do setor de agricultura levou ao maior emprego absoluto de trabalhadores não-qualificados nesse setor. Esse resultado nos sugere que parte do enriquecimento dos trabalhadores não-qualificados tem origem do maior emprego na agricultura.

Importante ressaltar que houve diminuição do emprego relativo dos não-qualificados na agricultura. Esse efeito se deve a entrada de trabalhadores qualificados maior do que a entrada de trabalhadores não-qualificados nesse setor. Podemos observar esse efeito na figura 7.

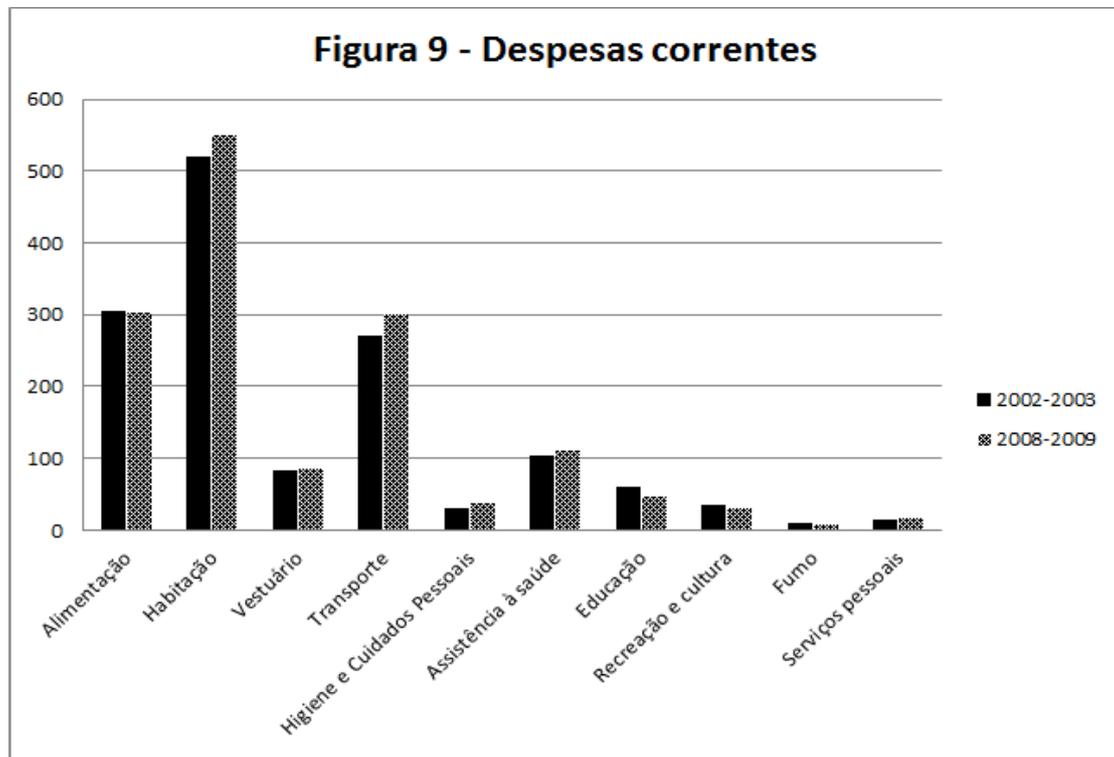
Nos demais ramos, o efeito escala ficou próximo a zero, apenas com pequenas reduções. O setor de comércio e reparação apresentou expressivo efeito substituição de mais de 3% de seus trabalhadores.

Para melhor compreensão do motivo de a agricultura ter apresentado crescimento no emprego de trabalhadores não-qualificados, vamos analisar o consumo interno por classes de despesas.

4.3 Análise do consumo interno

Ao analisar a variação orçamentária das famílias entre a POF de 2002-2003 e 2008-2009, podemos notar, na figura 9, que houve variação significativa nas despesas de habitação e transporte. Porém na alimentação que contém grande quantidade de produtos agrícolas, não houve variação significativa. Essa constatação nos revela que o consumo interno não pode ser o responsável pelo crescimento agrícola. Portanto a variação no emprego do setor agrícola não encontra explicações no consumo interno brasileiro.

Desse modo estenderemos nossa análise para outros mercados que consomem produtos brasileiros.



Dados POF 2002-2003 e POF 2008-2009, deflacionados pelo IPCA (2003 a 2008). IBGE.

4.4 Análise do consumo externo

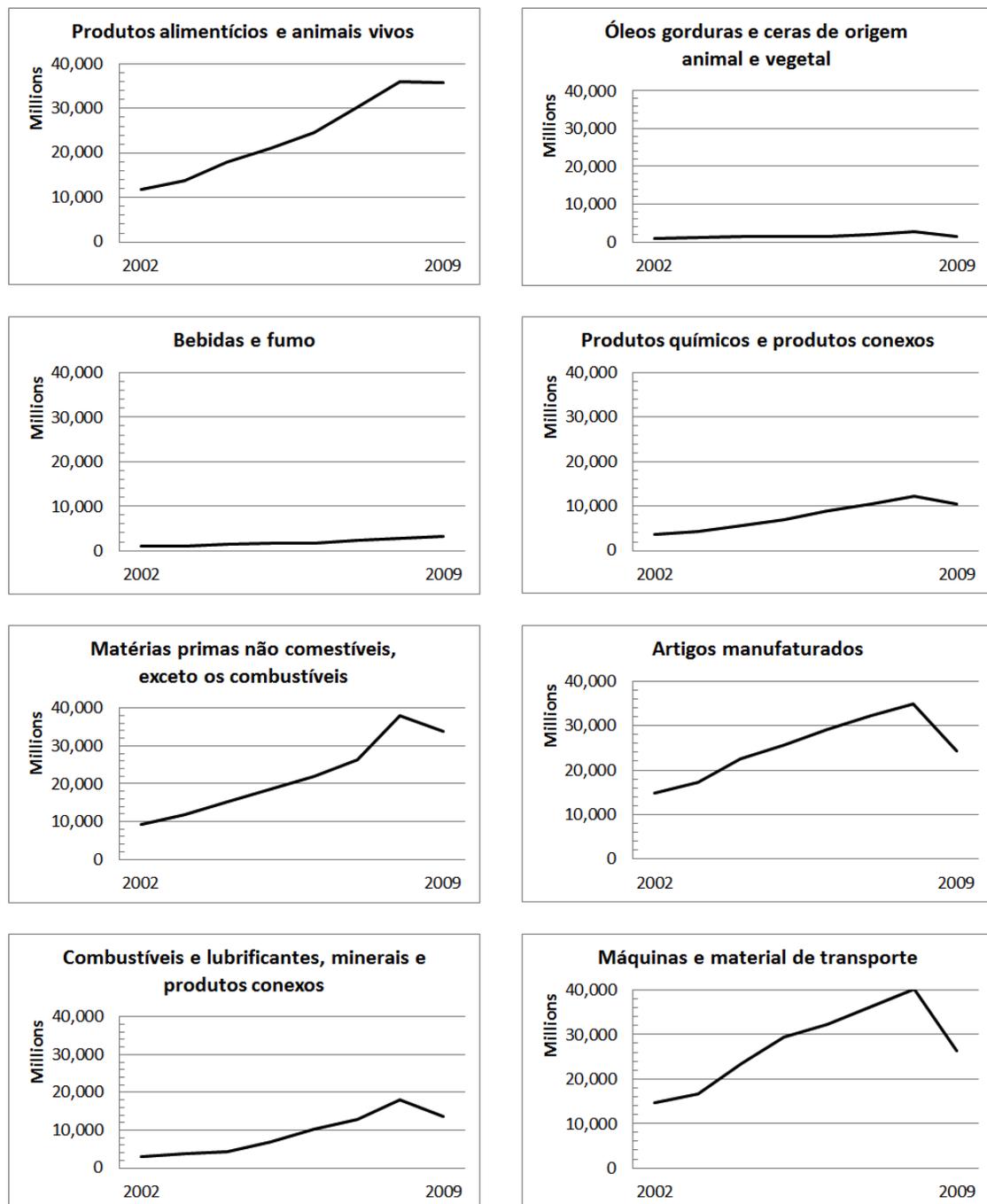
Para a análise do consumo de outros mercados, vamos observar a evolução das exportações brasileiras nesse período.

A análise das exportações brasileiras nos revela aumento de exportações em todas as classes de produtos. Apesar de haver crescimento em todas as classes de produtos, ocorreram em proporções bem diferentes, tal evolução é demonstrada pela figura 10.

Podemos observar na tabela 3 um aumento expressivo das exportações dos bens relacionados à agricultura. A variação no valor das exportações foi de 204% para produtos alimentícios e animais vivos. Em 2002 foram exportados quase 12 bilhões de dólares já em 2009 foram exportados quase 36 bilhões de dólares.

O maior consumo de bens alimentícios e animais vivos por estrangeiros, motivou o crescimento do setor agrícola.

Figura 10 – Seções Cuci de exportações em dólares deflacionada pelo U.S. Consumer Price Index



Fonte: www.desenvolvimento.gov.br

Tabela 3:

Varição das exportações de 2002 a 2009

Produtos alimentícios e animais vivos	204,0%
Bebidas e fumo	203,1%
Matérias primas não comestíveis, exceto combustíveis	270,7%
Combustíveis e lubrificantes minerais e produtos conexos	364,4%
Óleos gorduras e ceras de origem animal e vegetal	64,0%
Produtos químicos e produtos conexos	190,6%
Artigos manufaturados	63,9%
Máquinas e material de transporte	79,5%

Fonte: www.desenvolvimento.gov.br

5. Conclusão

A partir da análise do consumo do mercado interno, não encontramos explicações para o aumento no emprego na agricultura.

Os dados das exportações brasileiras nos sugerem que o aumento do emprego tanto dos qualificados quanto dos não-qualificados no setor de agricultura se deve ao consumo no mercado internacional. Isso é razoável se considerarmos que a agricultura brasileira tem como fator intensivo de produção mão-de-obra.

Apesar de grande aumento nas exportações de combustíveis e lubrificantes minerais e produtos conexos, não notamos um aumento no emprego em setores relacionados a esses bens. Isso se deve a esses setores não terem como fator intensivo de produção mão-de-obra.

Podemos atribuir as mudanças no mercado de trabalho brasileiro a fatores internos e externos.

A diminuição do emprego de trabalhadores não-qualificados pode ser atribuída ao aumento do nível educacional no Brasil. Por conta disso, em todos os setores houve substituição de trabalhadores não-qualificados por trabalhadores qualificados. O único setor que apresentou aumento absoluto no emprego de trabalhadores não-qualificados foi a agricultura. Mesmo assim o emprego relativo dos não-qualificados caiu. Houve ingresso de trabalhadores qualificados maior do que proporcional ao ingresso de trabalhadores não-qualificados na agricultura.

O aumento absoluto do emprego dos não-qualificados na agricultura, se deve ao efeito escala nesse setor. Não encontramos fatores internos que justifiquem a expansão da agricultura. Ao analisar as exportações brasileiras encontramos um aumento expressivo da exportação de bens ligados a agricultura. Dada que a agricultura tem como fator intensivo de produção mão-de-obra, principalmente desqualificada, podemos associar a variação nas exportações a variação no emprego na agricultura.

6. Referências

[1] Veras Soares; Perez Ribas; Guerreiro Ozório, **“Avaliando o impacto do Programa Bolsa Família: uma comparação com programas de transferência condicionada de renda de outros países”**, EPC valuation note, Dezembro de 2007. Retirado do site:

<http://www.ipc-undp.org/pub/port/IPCEvaluationNote1.pdf>

[2] Neri, M. C., **“Desigualdade de Renda na Década”**. FGV / Centro de Políticas Sociais, 2011. Retirado de:

http://www.fgv.br/cps/bd/DD/DD_Neri_Fgv_TextoFim3_PRINC.pdf

[3] José Celso Cardoso Júnior, **“Estrutura setorial-ocupacional do emprego no Brasil e evolução do perfil distributivo nos anos 90”** Texto para Discussão. IE/UNICAMP n. 85, set. 1999. Retirado de

www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=1715&tp=a

[4] Menezes-Filho, N. A., **“Educação e Desigualdade”**. In: N. A. Menezes-Filho e M. D. B. Lisboa (Ed.). Microeconomia e Sociedade no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa, v.1, 2001. Educação e Desigualdade, p.p. 13-50

[5] Oliveira e Menezes-Filho **“A contribuição da educação na desigualdade de renda per capita no Brasil”**, São Paulo, 2011

[6] Langoni, C. G. **“Distribuição de Renda e Desenvolvimento Econômico no Brasil”**. Rio de Janeiro. 1973 (Expressão e cultura)

[7] Paes de Barros; Nathan Foguel e Ulyseia **“Desigualdade de renda no Brasil: uma análise da queda recente”**. Brasília, v.2, 2007.

[8] Menezes-Filho; Rodrigues Jr. **“Tecnologia e Demanda por Qualificação na Indústria Brasileira”**. Rio de Janeiro, 2003.

[9] Berman; E.; Bound; J.; Griliches; Z. **“Changes in the demand for skilled labor within U.S. manufacturing: Evidence from the annual survey of manufactures”**. 1994 (Quarterly Journal of Economics, 113:1245-1279).